

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO ONLINE - GT 04: ESPIRITUALIDADES E
EDUCAÇÃO: EPISTEMOLOGIAS EMERGENTES, FORMAÇÃO HUMANA E
HORIZONTES METODOLÓGICOS

**ESPIRITUALIDADE COMO HORIZONTE EPISTEMOLÓGICO PARA A
FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO**

Janaina Guedes Da Silva (janainaguedes1006@gmail.com)

Charles Klemz (charles@est.edu.br)

Este trabalho examina a espiritualidade como categoria epistemológica para a formação humana na educação contemporânea. O problema parte de um diagnóstico da colonização da escola pela razão instrumental: metas quantitativas, testes padronizados de larga escala e aceleração produtivista reduzem o ato educativo a treino e mensuração, apagando a singularidade dos sujeitos. Byung-Chul Han descreve essa mutação como a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, na qual o sujeito se autoexplora sob a ilusão de liberdade. Zygmunt Bauman complementa o quadro ao mostrar que a modernidade líquida converte a escola em fornecedora de credenciais efêmeras e dissolve os laços de solidariedade que sustentam o compromisso formativo. Edgar Morin, por sua vez, evidencia que a fragmentação disciplinar do saber reproduz, no sujeito, a incapacidade de compreender a condição humana em sua complexidade multidimensional.

Contra esse cenário, o trabalho sustenta que as epistemologias emergentes precisam reintegrar a dimensão espiritual do conhecer. Michel Foucault, em A hermenêutica do sujeito, oferece o fundamento conceitual central: a

espiritualidade constitui o conjunto de buscas e práticas pelas quais o sujeito se transforma para habilitar-se ao acesso à verdade. Essa definição situa o tema no terreno da epistemologia e o afasta tanto do moralismo prolixo quanto da leitura devocional. Boaventura de Sousa Santos amplia esse horizonte com as epistemologias do sul, que pluralizam o que conta como saber e reabilitam narrativas, afetos e experiência situada como fontes legítimas de conhecimento. Michael Young contribui com a distinção entre conhecimento dos poderosos e conhecimento poderoso, impedindo que a crítica à padronização degenera em relativismo. Dermeval Saviani assegura que a formação integral não prescinde do saber sistematizado, que permanece direito das classes populares e exigência de justiça.

No campo da formação humana, Paulo Freire articula educação e prática de liberdade: formar-se é assumir-se como sujeito histórico capaz de ler o mundo e intervir nele. Leonardo Boff fundamenta teologicamente a relação pedagógica ao postular o cuidado como matriz ética e ontológica de todas as relações com o outro, com a vida e com a comunidade. Hans Jonas converte essa ética em critério temporal, ao vincular as decisões do presente à responsabilidade pelos efeitos futuros sobre as novas gerações. A implicação formativa dessa articulação é concreta: a escola precisa instaurar tempos de desaceleração, silêncio, escuta e contemplação, entendidos como práticas espirituais de resistência à lógica do rendimento, conforme a proposta de Han em *Vitae contemplativa*.

O percurso metodológico combina ensaio teórico-crítico, fundamentado em Meneghetti e Severino, dialogia bakhtiniana como princípio de análise e hermenêutica de Gadamer e Ricoeur como teoria da compreensão. Essa arquitetura assume que todo método expressa um compromisso ético-político e que o pesquisador se transforma no processo de investigação. A ponto central afirma que a formação humana integral exige reconhecer a espiritualidade como fundamento epistemológico, e não como ornamento curricular. Resta aberta a questão que orienta investigações futuras: que critérios legitimam a espiritualidade, simultaneamente, como objeto de pesquisa e como método do pesquisador em educação.

Palavras-chave: espiritualidade; formação humana; epistemologias emergentes; sociedade do desempenho; método teológico.